



CORPOS QUE "ESTÃO PEDINDO": MULHERES ASSEDIADAS EM ESPAÇOS PÚBLICOS E SUAS ROUPAS

Baggio, Adriana Tulio; atbaggio@gmail.com

RESUMO

O assédio sexual de rua tem conquistado mais visibilidade a partir da difusão de produtos comunicacionais que quantificam e caracterizam sua ocorrência, a exemplo do mapa colaborativo *Chega de Fiu-Fiu*, no qual vítimas e testemunhas podem sinalizar locais de assédio nas cidades e escrever um depoimento. Tais depoimentos permitem compreender melhor o papel da roupa na discursivização do assédio, pois muitos mencionam a vestimenta das assediadas ou a dos assediadores. A descrição da roupa dos assediadores parece ter como objeto de valor um fazer-saber sobre estes sujeitos, para que possam ser identificados e eventualmente punidos. Mas quanto às assediadas, por que mencionam sua roupa, se tal informação não é relevante para os objetivos do mapa? Uma observação semiótico-discursiva dos depoimentos sugere que o sujeito-mulher menciona a roupa para mostrar a justiça ou injustiça da sanção pragmática punitiva (o assédio) operada pelo destinador-julgador. Quando menciona estar usando roupas que, segundo o contrato proposto pelo destinador, não tornam desejável a mulher, o sujeito discorda da sanção e considera-a injusta. Ao contrário, quando menciona estar usando roupas "desejáveis", o sujeito reconhece a justiça da sanção e, por conseguinte, a validade do contrato, ainda que o denuncie. A classificação de roupas que figurativizam ou não a desejabilidade sexual, e a referência à lógica do contrato (mesmo para criticá-lo), sugerem que a mulher assediada assume a discursividade da

roupa como um actante que comunica a disponibilidade e a intrínseca não-privacidade do corpo feminino no espaço público.

Palavras-chave: assédio sexual de rua; roupa; corpo feminino.